

Agricultura familiar e Agroecologia: um olhar sobre o caminhar da juventude rural no sudoeste paranaense

Family farming and Agroecology: a look at the journey of the rural youth in Paraná southwest

PASQUALOTTO, Nayara¹; GODOY, Wilson Itamar²; VERONA, Luiz Augusto Ferreira³

1 Mestre em Desenvolvimento Regional pela UTFPR – Campus Pato Branco, Pato Branco/PR - Brasil, nayarapasqualotto@hotmail.com. 2 Docente no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UTFPR – Campus Pato Branco, Pato Branco/PR - Brasil, godoyutfpr@gmail.com. 3 Pesquisador da EPAGRI – Chapecó, Chapecó/SC - Brasil, luizverona@yahoo.com

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar algumas reflexões sobre os padrões sucessórios da agricultura familiar em agroecossistemas hortícolas de base ecológica no sudoeste paranaense. Os dados apresentados apontam que a mão de obra familiar nestas unidades de produção tem como tendência a sua escassez, visto que grande parte dos envolvidos nas atividades tem idade superior a trinta anos. Dos seis agroecossistemas pesquisados, os jovens integram apenas duas das famílias agricultoras, porém os mesmos não participam das atividades dos agroecossistemas. Este cenário proporciona uma reflexão a respeito do futuro da agricultura familiar e da Agroecologia na região, evidenciando assim a necessidade de ações para o seu fortalecimento, sendo que este é um dos caminhos para o desenvolvimento regional sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia, sucessão familiar, gênero, sustentabilidade, juventude rural.

ABSTRACT

The mainly of this article is to present some reflections about the standard succession of family farming in vegetable agroecosystems of ecologic basis on the southwest Paraná. The presented data shows that familiar labor in these production units has a shortage tendency, since most of the involved in the activities are older than thirty years. Of the six agroecosystems searched, only two farm families have the young integrate, but they don't participate of the agroecosystems activities. This scenery provides a reflection about the familiar agriculture future and the agroecology in the region, highlighting the need of actions to its fortification, being one way to the sustainable regional development.

KEY WORDS: Agroecology, standard succession, gender, sustainable, rural youth.

Introdução

O processo modernizador pelo qual passou a agricultura brasileira nas últimas décadas, sobretudo a partir de 1960, resultou em grandes transformações econômicas, ambientais, políticas e sociais no campo. Este cenário resultou no modelo atual de produção, no qual se evidenciam grandes concentrações de terras por parte de poucos proprietários e um número elevado de famílias agricultoras que sobrevivem em pequenas áreas.

Embora ocupe cerca de 30% das terras agricultáveis no Brasil, a agricultura familiar é responsável por cerca de 80% dos alimentos produzidos para o abastecimento interno do país (IBGE, 2011). Esses dados evidenciam a relevância dessas famílias agricultoras, que além de contribuírem para a economia local, geram emprego, diversificam a produção e cooperam com ações que acarretam em menores impactos ao ambiente.

A região sul do Brasil mantém um elevado percentual de agricultores familiares em seu território, sobretudo no sudoeste paranaense. Isso se deve ao fato de que desde a sua colonização, grande parte deste território foi dividido em pequenos lotes de terras, que se constituíram e mantiveram como propriedades familiares.

De acordo com Fritz (2008), muitas famílias agricultoras do sudoeste paranaense optaram por práticas que garantiram a sua sobrevivência no campo sem interferirem de forma agressiva no ambiente. Dentre essas práticas encontram-se as famílias que optaram pela produção agroecológica.

Essas famílias garantem a sustentabilidade do agroecossistema no qual estão inseridas aproveitando os recursos naturais disponíveis na região, visto que o sudoeste paranaense apresenta diversidade de clima propício para o cultivo de elevada variedade de espécies de frutas e olerícolas. Os hortigranjeiros proporcionam para a agricultura familiar da região uma alternativa de produção, pois, de acordo com Fritz (2008), nas

últimas décadas houve uma queda na renda obtida com a produção de grãos em pequenas propriedades devido ao crescimento na concorrência pela comercialização dos produtos com os grandes produtores. Verifica-se então que, a partir desse ocorrido, a agroecologia, as agroindústrias e a produção leiteira se tornaram alternativas de renda para as famílias agricultoras.

Porém, o cultivo desses produtos e o desenvolvimento de determinadas atividades ocasionam o acúmulo gradativo de trabalho na unidade de produção. Isso se deve ao fato de que a diversificação mantém as famílias em constante atividade, aumentando assim a demanda por mão de obra nas propriedades familiares.

Dentre os indicadores que avaliam a sustentabilidade de um agroecossistema, verifica-se que as questões ligadas à mão de obra e a respectiva sucessão nas unidades de produção, encontram-se entre os principais impasses enfrentados pela agricultura familiar na atualidade. Essas questões justificam-se pelo crescente número de jovens que migram do campo para os centros urbanos.

A crescente ocorrência do êxodo rural acontece em tempo concomitante ao aumento da demanda por mão de obra na agricultura familiar. Dessa forma, algumas indagações surgem ao analisar-se o cenário da agricultura familiar referente aos processos sucessórios e a reprodução desta parcela tão significativa para o desenvolvimento local.

Dentre os questionamentos, destacam-se as indagações referentes aos impactos da modernização na dinâmica sucessória, os caminhos percorridos pelos jovens do campo, as alternativas de reprodução encontradas por eles, e a questão de gênero nas unidades de produção familiar.

Diante desse contexto, o presente artigo apresenta uma análise sobre os padrões sucessórios na agricultura familiar no Sudoeste do

Paraná. Esta análise integra-se no projeto de pesquisa “Avaliação da sustentabilidade em agroecossistemas hortícolas com base de produção na Agroecologia e na agricultura familiar na região oeste do sul do Brasil”, apoiado pelo edital REPENSA do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Como universo de pesquisa entrevistou-se seis famílias agricultoras com produção de base agroecológica no sudoeste paranaense. Dentre essas, três pertencem ao município de Coronel Vivida, duas à Pato Branco e uma a Vitorino.

Os impactos da modernização na dinâmica sucessória e a Agroecologia como possibilidade de permanência do jovem no campo

A dinâmica produtiva e o processo histórico da atividade agrícola no país também impactaram nos padrões sucessórios da agricultura familiar. A modernização da agricultura, com a implantação de “pacotes” impostos pelas grandes multinacionais, resultou na utilização intensiva de maquinários e insumos agrícolas, acarretando na drástica redução da mão de obra no campo (STÉDILE, 2005).

Entre as transformações resultantes da modernização dos sistemas agroindustriais, Strapasolas (2011) destaca os efeitos dos sistemas de integração entre as indústrias de alimentos e as famílias agricultoras, onde as famílias se tornam dependentes das regras e exigências do mercado, necessitando cada vez mais da especialização da produção e do aumento da tecnologia, através da utilização desenfreada de insumos e equipamentos produzidos pelo capital.

No sistema de parceria desenvolvido pelas agroindústrias no Brasil, destacam-se a suinocultura, a avicultura, a fruticultura e a fumicultura. Este modelo de produção coloca as famílias em crescente dependência tecnológica e

econômica das indústrias as quais estão integradas, seja pela subordinação ao método de produzir, seja pela influência na determinação do valor do produto (STRAPASOLAS, 2011).

Outra questão resultante desses circuitos produtivos é a redefinição na divisão social do trabalho das famílias, pois através da adequação às normas produtivas das indústrias, muitos jovens rurais acabam por desiludir-se com a vida no campo, sentindo-se atraídos pelas alternativas de vida nos centros urbanos. Esse fenômeno ocasiona no espaço rural uma série de consequências, entre as quais se destacam a sobrecarga de trabalho da mão de obra que persiste no campo (na maioria das vezes idosos) e a consequente impossibilidade de sucessão no trabalho rural.

A necessidade de mão de obra contínua em determinadas atividades agrícolas, como a demandada pela criação de animais, é outro fator importante derivado dos sistemas de integração. Essa situação nem sempre garante às famílias rendimentos maiores, o que resulta no desestímulo principalmente dos jovens e mulheres, e consequentemente o desencadeamento de conflitos familiares (STRAPASOLAS, 2011).

Em contraposição aos sistemas de integração, muitas famílias agricultoras optaram por práticas mais sustentáveis, através da utilização reduzida de insumos químicos e da combinação de duas ou mais atividades na unidade de produção, que garantem a sua qualidade de vida e a contribuição dos conhecimentos e trabalho de todos os seus membros. Dentre os sistemas de produção que se utilizam destes princípios, destaca-se a Agroecologia como uma forma de produção e modo de vida que garante também aos jovens e mulheres satisfação com o sistema produtivo e sua inserção no mesmo.

A Agroecologia é considerada um passo fundamental para que se alcance a sustentabilidade de um agroecossistema, dado que

é realizada com o objetivo de garantir a segurança alimentar, a renda da família e o acesso ao mercado mantendo a qualidade dos recursos naturais. Ela possibilita a sustentabilidade por meio do reequilíbrio e conservação da biodiversidade, da água, do solo e seus nutrientes e demais seres vivos, resultando no aumento da capacidade produtiva do território, sem degradar os recursos ali existentes (ALTIERI, 2004).

Assim, entende-se que a Agroecologia busca a produção de alimentos sem a adição de produtos químicos que possam acarretar danos à população, garantindo uma produção equitativa. Neste sentido, verifica-se que a agricultura familiar, que está essencialmente baseada no emprego da mão de obra da família para a produção agrícola, torna-se a principal aliada no anseio por práticas mais sustentáveis, pois possui os mesmos desejos já evidenciados por grande parte da sociedade não rural (MAYER e BURG, 2001).

Dessa forma torna-se indispensável que as famílias agricultoras optem por sistemas de produção que garantam para toda a família a satisfação econômica, social, política e ambiental. E que tais sistemas produtivos contemplem também os desejos dos jovens rurais, visto que esses desempenham um papel fundamental para o futuro agrícola do país.

De acordo com Abramovay et al. (1998), o papel dos jovens rurais vai além da sua importância para o futuro da produção agrícola do país. Eles representam, muitas vezes, importante papel na possibilidade de continuidade histórica de algumas regiões que passam por grandes processos de êxodo rural em seus territórios.

Vista importância das questões referentes à juventude rural e aos padrões sucessórios que emergem com o processo de modernização da agricultura, torna-se primordial um olhar mais apurado sobre os desejos e os anseios dessa parcela da população. Deve-se ter consciência das

suas necessidades, bem como das suas divergências, pois, de acordo com Abramovay et al. (1998), o olhar dos rapazes sobre o campo muitas vezes diverge do apresentado pelas moças.

A juventude rural e os padrões sucessórios

Os debates que ocorrem sobre a juventude rural no Brasil têm evidenciado que essa parcela da população carrega o peso da hierarquia e da submissão, e é marcada pelas difíceis condições familiares principalmente no âmbito social e econômico (CASTRO, 2009). Muitos desses debates têm constatado que, mesmo os jovens rurais desempenhando um papel de extrema importância para a agricultura familiar, questões que abordam o “ficar” ou “partir” ainda são constantes entre eles (WEDIG et al., 2007).

A tendência ao êxodo rural dos jovens tem sido o tema de diversas pesquisas no Brasil e no mundo. No âmbito acadêmico, o problema vem sendo analisado através de dois vieses, sendo que o primeiro aborda os problemas enfrentados pelos jovens no campo e o segundo a atração do jovem pelo meio urbano (CASTRO, 2009).

A análise do cenário da juventude rural no Brasil é de extrema importância para que se tenha um panorama dos desafios e desejos dessa parte da população. É importante ressaltar que os caminhos percorridos por esses, “ficando” ou “partindo”, vão influenciar diretamente na unidade de produção familiar, trazendo consequências tanto nos aspectos sociais como econômicos.

Segundo Abramovay et al. (1998), em regiões com predomínio da agricultura familiar, como é o caso do sudoeste paranaense, o êxodo rural atinge mais os jovens do que o restante da população. Os fatores que influenciam essa debandada do campo por parte dos jovens, podem estar aliados às dificuldades enfrentadas por muitos deles no seu local de vivência.

Dentre as dificuldades enfrentadas pelos jovens

do campo, Castro (2009, p.193) refere-se ao “peso” da autoridade paterna. A autoridade dos pais vai além das relações familiares, e muitas vezes ela “é reproduzida nas relações de trabalho familiar e na organização do lote”.

A educação também influencia a decisão dos jovens em sair do meio rural. O que se constata é que atualmente grande parte da população que vive no campo não possui nível superior. Muitas vezes isso está ligado ao fato de que para muitas famílias o alto grau de escolaridade significa a ascensão social, ou seja, neste contexto parece haver uma oposição entre “quem estuda quer sair; quem não estuda não tem outra alternativa que não seja ficar” (STRAPASOLAS, 2011, p.27).

Os caminhos percorridos pela juventude rural irão influenciar diretamente nos padrões sucessórios da agricultura familiar brasileira. Neste contexto, Abramovay et al. (1998, p. 16) enfatizam a urgência de estancar o processo do êxodo rural jovem, que funciona como “o processo que ameaça fazer da reforma agrária um jogo de soma zero (ou negativa), onde os assentamentos realizados de um lado jamais compensam os “desassentamentos” sofridos do outro”.

Assim, os padrões sucessórios no campo não podem ser analisados apenas como um tema de caráter econômico. Eles perpassam os aspectos sociais e políticos, colocando em jogo o futuro das regiões onde predominam as unidades de produção familiar (ABRAMOVAY et al., 1998).

O gênero nas unidades de produção familiar

Analisando a dinâmica populacional da agricultura familiar, constata-se o crescente percentual de homens que permanecem no campo, em relação ao de mulheres. Esse fator está diretamente ligado aos costumes culturais e sociais empregados pelas famílias que vivem no campo.

Segundo Abramovay et al. (1998), a crescente migração das mulheres para os centros urbanos já

vem ocorrendo em número expressivo desde os anos 1980. Esses dados, segundo o autor, não podem ser atrelados à possibilidade das mulheres terem mais oportunidades de trabalho nas cidades, mas às condições sociais e às questões de gênero que estão implícitas dentro das famílias agricultoras.

Na grande maioria das vezes o trabalho desempenhado pelas mulheres no campo é o mesmo se comparado ao exercido pelos homens, porém, “elas não têm nenhum acesso a tarefas que envolvam algum grau de responsabilidade ou algum grau de tomada de decisão” (ABRAMOVAY et al., 1998, p.76). Muitas vezes, mesmo sem haver discriminação por parte do resto da família, as moças não são preparadas para exercer o papel de liderança nas unidades de produção familiar.

Outro fator que pode justificar a masculinização no meio rural é a sucessão das terras, pois segundo Brumer (2004), de modo geral as filhas mulheres não herdam de fato as terras, exceto se seu esposo for agricultor. O que se verifica é que mesmo tendo os direitos garantidos por lei, o que prevalece nas famílias agricultoras ainda são os traços de sua herança cultural. Assim, observa-se que grande parte das famílias agricultoras têm como sucessores os filhos homens. Essa constatação difere dos desejos expressados pelos jovens do oeste catarinense estudados por Ferrari et al. (2004), onde evidenciou-se que há um interesse maior entre as moças do que entre os rapazes em permanecer no campo.

Em contrapartida aos dados expostos acima, as moças que vivem no campo têm níveis de escolaridade maior que os rapazes. Segundo Brumer (2004, p.219), isso ocorre, de modo geral, porque “sabendo que serão preteridas na partilha da terra familiar ou na obtenção de um emprego estável no meio rural, ou rejeitando uma situação semelhante à de suas mães, as moças investem mais do que os rapazes em sua educação, com

vistas a uma possível migração para a zona urbana”.

Assim, ficam claras as diferenciações existentes entre moças e rapazes no meio rural. Essas distinções perpassam as barreiras sociais e econômicas, expressando as tradições culturais dessas comunidades.

A sucessão familiar no sudoeste paranaense

Com a finalidade de compreender as concepções e desejos dos jovens que residem em agroecossistemas localizados nos municípios de Coronel Vivida – PR, Pato Branco – PR e Vitorino - PR, bem como as possibilidades de sucessão dos trabalhos das famílias no campo, foram entrevistadas 17 pessoas que compõem as seis unidades de produção familiar de estudo. Deste universo, verificou-se que apenas 11,78% possuem idade inferior aos trinta anos, sendo uma do sexo masculino e outra do sexo feminino. Estes jovens contribuem esporadicamente nas atividades do agroecossistema familiar, possuindo outras ocupações na área urbana, tais como trabalho e estudo.

Sobre a intenção de viver no campo e continuar exercendo as atividades da família, esses jovens, que apenas vivem na área rural, afirmam que não têm a intenção de se tornarem agricultores. Alguns justificaram suas respostas com declarações como: “na cidade eu tenho horário e salário fixo, coisas que no campo eu não tenho” e “não tenho aptidão para trabalhar na agricultura, estou estudando para trabalhar em algo que realmente me torne feliz”.

Entre os demais entrevistados, 41,17% têm entre 31 e 50 anos de idade, 29,41% possuem idade entre 51 e 60 anos, e 17,65% têm mais de 61 anos. Os agricultores pesquisados que correspondem a essas faixas etárias se demonstraram satisfeitos com as funções que exercem na área rural, mesmo exercendo longas jornadas de trabalho nos agroecossistemas.

No que se refere ao gênero, averiguou-se que dentre os entrevistados, 53% são do sexo feminino, sendo que desses, 33% possuem idade inferior a quarenta anos. Quanto ao sexo masculino, constatou-se um reduzido número de jovens, pois apenas 12,5% dos entrevistados têm menos de quarenta anos de idade (Tabela 01).

Tabela 01: Descrição do gênero e idade do público entrevistado

Gênero	Idade	Total (%)
Masculino	0-30	5,89%
	31-40	0%
	41-50	17,65%
	51-60	11,76%
	Acima de 61	11,76%
	Feminino	0-30
Feminino	31-40	11,76%
	41-50	11,76%
	51-60	17,65%
	Acima de 61	5,89%

Fonte: pesquisa de campo, 2011.

Considerando as atividades desenvolvidas pelas mulheres nos agroecossistemas, constatou-se que essas se diferenciam das praticadas pelos homens, pois elas, além de se encarregarem dos afazeres domésticos, assumem o papel de ajudante dos homens. Essas informações corroboram com Brumer (2004, p.210), que constata que o trabalho da mulher, na agricultura familiar, “geralmente aparece como “ajuda”, mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens ou executam as mesmas atividades que eles”.

Quanto à jornada de trabalho na unidade de produção, constatou-se que cerca de 50% dos agricultores entrevistados possuem jornada superior a 60 horas semanais. Quando questionados sobre os fatores que os levam a trabalhar excessivamente nas unidades de produção, levantaram-se questões como a ausência de mão de obra familiar, a grande diversificação das atividades desenvolvidas nos agroecossistemas e a dedicação que algumas atividades requerem, a exemplo da horticultura e da produção leiteira.

Os dados apresentados neste estudo confirmaram a problemática da sucessão familiar, sobretudo no sudoeste paranaense, constatando-se que nos agroecossistemas estudados não há perspectivas evidentes de continuidade do trabalho desenvolvido pelos agricultores em idade produtiva.

Sendo assim, pode-se assegurar que os resultados obtidos refletem uma realidade local bastante peculiar, porém significativa, evidenciando os diversos obstáculos enfrentados pelos produtores familiares para a concretização de uma agricultura mais limpa, socialmente justa e economicamente viável.

Considerações finais

Diante das discussões apresentadas sobre a

juventude rural e os padrões sucessórios na agricultura familiar, constatou-se a relevância do tema para a sustentabilidade das unidades de produção, visto que este acarreta em consequências nos âmbitos econômico, político e social. Nota-se que os caminhos adotados até o momento, no que se refere aos padrões sucessórios, levam-nos a refletir sobre o futuro da agricultura familiar no sudoeste do Paraná, bem como sobre o futuro das demais regiões do país que, assim como essa, se caracteriza pela marcante contribuição das famílias agricultoras.

Os dados mostram a importância dos jovens no meio rural e a necessidade de mudanças que devem ocorrer tanto na organização social e econômica das unidades de produção, como na criação de políticas públicas que contemplem a juventude rural.

É fato, que ao abordarmos sobre os padrões sucessórios na agricultura familiar, nos deparamos com um campo repleto de costumes e tradições culturais, onde há, muitas vezes, conflitos de valores que afetam diretamente parte dos membros da família. Desta forma, a tentativa de mudança desses padrões não é uma tarefa fácil.

Mesmo enfrentando alguns desafios, o debate sobre a sucessão nas unidades de produção não deve ser desvinculado a outras questões que afetam a reprodução social da agricultura familiar. Isso se deve ao fato de que esta dinâmica não irá interferir apenas nos locais onde essas famílias se inserem, mas em toda a população rural brasileira.

Neste contexto, nota-se que os padrões sucessórios no sudoeste paranaense não se diferem do restante do país. Essa microrregião ainda pena com o êxodo rural e o conseqüente envelhecimento da população do campo.

Verifica-se que os agroecossistemas com base de produção agroecológicos, assim como os demais, sofrem com a escassez de mão de obra. Esses fatores acarretam em longas jornadas de

trabalho aos que permanecem nas unidades de produção, tornando-as muitas vezes insustentáveis.

Mesmo existindo um percentual maior de mulheres do que homens, o estudo evidenciou que estas desempenham, muitas vezes, como atividade principal os afazeres domésticos e o apoio no processo de produção. Não foi verificado em nenhuma unidade de produção, o papel da mulher como o centro na tomada de decisões.

Refletindo uma realidade específica, o presente trabalho pode auxiliar na compreensão dos padrões sucessórios e a realidade da juventude rural do país. Através dessa análise, torna-se possível a busca por caminhos que nos levem a encontrar meios de solucionar esses empasses que refletem em todas as dimensões do campo brasileiro.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVAY, R. (org); SILVESTRO, M; BALDISSERA, I. T. ; CORTINA, N. ; TESTA, V. M. ; FERRARI, D. . **Juventude e agricultura familiar**. Brasília: Edições da UNESCO, 1998. 101 p.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4e.d. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 12, n. 1, 2004, p. 205/227.
- CASTRO, E. G. .Juventude Rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de cienciasociales, niñez y juventud**, v. 7, p. 179-208, 2009.
- FERRARI, D. L. ;ABRAMOVAY, R. ; SILVESTRO, M. L. ; MELLO, M. A. de ; TESTA, V. M. . Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir?. **Estudos Sociedade e Agricultura** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 237-271, 2005.
- FRITZ, N. L. Agroecologia: o desenvolvimento no Sudoeste do Paraná. In: ALVES, A. F. CARRIJO, B. R. CANDIOTTO, L. Z. P. (org). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular. 2008. Pg.185-212.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acessado em 16 de novembro de 2001, às 23:48 horas.
- MASERA, O. ASTIER, M. LOPEZ-RIDAURA, S. **Sustentabilidad y Manejo de Recursos Naturales: el marco de evolución MESMIS**. México: Mundi-Prensa, 1999.
- MAYER, P. H; BURG, I. C. Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável. In: FONTANA, A. **Construindo a sustentabilidade: uma perspectiva para o desenvolvimento regional**. São Miguel do Oeste: McLee, 2001.
- STEDILE, J. P. (org). **A questão agrária no Brasil: O debate tradicional – 1500-1960**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- STRAPASOLAS, V. L. Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. In: **Revista agriculturas: experiências em Agroecologia**. Março de 2011, vol. 8, Pg 26-29.
- WEDIG, J. C.; WIZMEWSSKY, J. G. ; RAMBO, A. G. . A juventude rural e a sucessão hereditária em um assentamento de reforma agrária. In: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2007, Londrina-PR. **XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, 2007.